



perfumes caseiros

Luiz Carlos Saroldi
Escritor

A casa era grande, no meio de um quintal cheio de mangueiras, goiabeiras, pés de sapoti. Sob as árvores o menino brincava de armar cabanas, inventar histórias e personagens que disfarçavam a falta de alguém.

Não precisa fechar os olhos para rever o assoalho de tábuas corridas, largas. Quase toda semana a avó regia a empregada na tarefa de encerar cada cômodo. Os braços negros e elásticos iam e vinham sobre o arco do escovão, esforço cadenciado ao som do mais novo samba de Ciro Monteiro ou a última marchinha de Lamartine Babo. Como outras novidades ainda fora do alcance da maioria dos brasileiros, a enceradeira elétrica só existia nos filmes americanos. A década de 30 seguia seu curso, entre anúncios de Lu-go-li-na e a expectativa da próxima passagem do Zeppelin pelos céus da cidade.

As crianças da casa se divertiam patinando sobre flanelas para dar o retoque final no assoalho. Mas o mutirão doméstico não se completava sem o ritual de desfolhar jornais pela sala, nos corredores e em cada um dos três quartos, na esperança de preservar o encerado por mais alguns dias. Na cozinha havia lugar reservado para a pilha de velhos exemplares do Diário de Notícias, do Suplemento Juvenil e de A Noite.

Dias depois dessa operação, nas horas vazias e silenciosas entre o almoço e o lanche, o menino se ajoelhou sobre uma folha de jornal. Embora ainda não soubesse ler, já se sentia atraído pela página impressa, seduzido por anúncios, caricaturas e histórias em quadrinhos.

Entre uns e outras, de repente seus olhos descobriram um rosto em várias colunas. Era um homem de barba por fazer, sem gravata, ar cansado, jeito de quem daria tudo para estar bem longe do olho frio de uma câmera. Levantou a folha para ver de perto, e, então, estremeceu.

“Meu pai... Esse aí é papai!”

O grito ecoou pela sala, repercutiu nos vidros da cristaleira, no rádio capelinha, no espelho bisotê, nos retratos dos tios mortos pela gripe espanhola, mas levou algum tempo até que os adultos despertassem da sesta e o encontrassem de pé, o jornal entre as mãos, agitado pelo pressentimento de que nada de bom poderia justificar a transformação de seu pai em notícia de jornal.

“Que é isso?...Que foi que ele fez?”

A tia o abraçou, enquanto a avó tentava livrá-lo da folha impressa, em instantes amarfanhada e desfeita em tiras.

“Eu avisei, eu disse pra tomar cuidado com essa porcaria”, e a avó recolhia outras folhas do chão, antes de partir para o acerto de contas com a empregada.

Os braços da tia predileta o envolveram, mas o menino tentou se desvencilhar, gritando pelo pai. Logo outras pessoas acorreram e o levaram para o quarto, embora esperneasse.

“Calma, depois sua mãe explica. Não é nada, seu pai está bem, já passou.” Os gritos explodiram em soluços, quase em uivos, as lágrimas vieram à tona, impelidas pela dor sem nome. O menino continuou a espernear e a socar o travesseiro na tentativa de desfazer à força o nó de medo, raiva e solidão que crescia em seu peito e doía a um ponto insuportável, até que algo se partiu dentro dele e desaguou na inesperada banheira do sono.

Não sabe como acordou, nem o que se passou depois. Uma neblina recobre o momento em que a mãe conversou com ele, embora tenha certeza de que isso aconteceu. Mas escutaria o relato do próprio pai décadas mais tarde, trinta ou quarenta anos depois, enquanto esperavam o almoço de domingo no apartamento de Botafogo. Apesar do tempo decorrido, o filho não esquece a narrativa do homem de cabelos brancos na cadeira de balanço, sua voz baixa, quase um murmúrio.

As tentativas de salvar o casamento não deram certo. Em uma manhã de sábado a mulher chamou o caminhão de mudanças e partiu com os filhos para a casa dos avós maternos. Ficou sozinho no chalé de vila em São Cristóvão, até que a mãe viúva se oferecesse para morar com ele.

A sogra e as cunhadas o acusavam de irresponsável. Afinal, um chefe de família não podia ignorar as contas da casa para esbanjar o salário em latas de marrom glacê, vidros de perfumes franceses para a mulher e brinquedos para os filhos – estes quase sempre da loja alemã Feira de Leipzig.

Desde garoto fora um ponta-direita respeitado no clube do bairro, mas gostava mesmo era de disputar esportes amadores como natação e pólo aquático. Várias vezes atravessara a baía a nado, de Icaraí às praias da Urca ou do Flamengo, e das competições trazia medalhas para os filhos. Sentia um prazer especial no contato com a água salgada, enchia os pulmões de ar entre as braçadas, registrava os cheiros em processo sobre as ondas, numa preparação de seu olfato para essências mais delicadas.

O trabalho no escritório de despachante fundado pelo pai e dirigido pelo irmão mais velho era apenas uma tolerável rotina que o levava a idas e vindas da Alfândega, entre a Praça Mauá e os armazéns do Cais do Porto, desembarçando passageiros e cargas. Um dia o joelho direito começou a reclamar, depois de uma bola dividida com um zagueiro do Andaraí. O médico da família decretou a operação dos meniscos, sugerindo a ortopedia de um hospital da Tijuca.

O hospital ainda está de pé: fica em uma elevação, acima do trânsito, escondido pelas copadas árvores do jardim. É um casarão de estilo eclético, com as enfermarias dispostas em volta do pátio interno. A operação deu certo, mas a recuperação foi lenta. O que em nada incomodou o convalescente.

A enfermeira que o atendeu era muito bonita, morena de cabelos negros, algo de turca ou árabe nos olhos, e se chamava Helena. Entre os dois se estabeleceu de imediato outro laço além dos curativos matinais. Todos os dias ela trazia um par de muletas e o obrigava a sair do leito, alegando ordens médicas. Tinha um jeito convincente de propor passeios cada vez mais extensos, até que o esforço levava o paciente a implorar um pouco de descanso.

Ao fundo do jardim havia um banco rústico. Parecia esquecido sob a velha figueira, o tronco coberto de nomes entrelaçados, datas e corações entalhados a canivete.

“Calma, depois sua mãe explica. Não é nada, seu pai está bem, já passou”

Mas não deram importância às inscrições; o banco era tudo o que precisavam, a pausa no caminho, o oásis no deserto. Por ali passavam de vez em quando funcionários subalternos, enfermeiros e doentes, estes em cadeiras de rodas. Alguns os cumprimentavam com um sorriso, outros viravam o rosto como se fosse melhor não vê-los.

Certa manhã foram surpreendidos ao chegar ao local: ao pé da figueira havia apenas um monte de madeiras destroçadas, restos de uma ação sem método nem propósito visível, simples vandalismo. Ele protestou, cobrou explicações do jardineiro, se propôs a reclamar na administração, mas Helena o acalmou e, sem comentários, achou melhor voltarem para a enfermaria.

Sentiu as mãos dela em seu braço, ajudando-o a se locomover. Aspirou um leve cheiro de anil vindo do uniforme engomado, e só então percebeu que a queria

para sempre a seu lado, ainda que só pudessem partilhar o conforto de um banco sob uma árvore. Estranhou que as palavras saíssem de sua boca com a urgência de uma fatalidade. Teve medo das frases não fazerem sentido, de tropeçar nos verbos e substantivos e desabar de repente nas folhas secas do jardim. Temeu ainda mais que a moça o impedisse de dizer o que não dissera nem mesmo à mãe de seus filhos – mas não foi o que aconteceu. Helena sabia escutar. E talvez adivinhasse o que as palavras não comportam.

Depois da alta hospitalar, continuaram a se ver. Quase todos os dias vinha buscá-la à saída, no fim da tarde, e seguiam juntos. Em outras ocasiões encontravam-se mais cedo, viam um filme ou namoravam pelas imediações até que o relógio reclamasse Helena para o plantão noturno.

Uma dessas noites foram ao cinema América, na Praça Saens Peña. Sairam da última sessão perturbados pela história de amor vivida por Dorothy Lamour na ilha dos mares do sul assolada por um furacão. Para relaxar tomaram um sorvete na Confeitaria Tijuca, em seguida pegaram uma paralela rumo ao hospital, já agradecidos por viverem em uma cidade livre de maremotos e tufões. Caminharam abraçados pelas ruas silenciosas, passaram por casarões de famílias tradicionais e pensões avarandadas, abrigo predileto de universitários vindos do interior, funcionários públicos e militares em trânsito. Um trajeto de dez ou quinze minutos entre cheiros de aglória e damas-da-noite, raros transeuntes, gatos vadios e apitos distantes de guardas noturnos, até chegarem ao portão de ferro.

Beijaram-se mais uma e outra vez e combinaram o próximo encontro, no dia seguinte. Ele a viu caminhar na alameda sombria até se transformar em uma forma imprecisa, um tanto ou quanto inquietante. Acenou um adeus, depois seguiu para São Cristóvão.

Foi acordado no meio da madrugada pelo investigador de chapéu de feltro, sob a acusação de implicado na morte da enfermeira. Helena fora esfaqueada no alto do jardim, antes de entrar no hospital. Morrerá na hora.

As colegas sabiam do namoro com o ex-paciente; uma delas a ouvira dizer que sairia com ele naquela noite. A ficha hospitalar facilitou o resto. Os interrogatórios se multiplicaram e cresceram de intensidade diante das negativas do suspeito. Os jornais abriram espaço a mais um crime passionai.

Três rapazes que serviam o Tiro-de-Guerra se lembraram de que na noite do crime estiveram con-

versando até tarde sob um poste da Rua Bom Pastor. A beleza da moça chamara a atenção deles. Viram o casal se despedir e o homem descer a rua sozinho. Pouco depois tiveram a impressão de ouvir gritos lá em cima, logo abafados.

Foi acordado no meio da madrugada, sob a acusação de implicado na morte da enfermeira

Ao mesmo tempo alguém estranhou as faltas ao trabalho de um enfermeiro até então assíduo. Era um nordestino baixo, forte e taciturno que sempre cercara Helena de atenções, sem ser correspondido. Ele não suportou assistir o que o outro conquistara sem esforço e resolveu destruir o que não podia ter.

O foragido foi localizado e confessou o crime.

Os cabelos de meu pai embranqueceram de repente, nos meses que se seguiram. Ele só encontraria outra companheira 16 anos depois. Era uma senhora baiana que conhecera como balconista da Sloper, amiga de almoços apimentados e que contava longas histórias de sua juventude em Salvador, no tempo em que tocava bandolim no colégio de moças e furava ondas na Praia de Amaralina.

Com ela voltou a sorrir, desenvolveu um certo talento para a manipulação caseira de fragrâncias que lhe compensava, em parte, a queda de movimento na Alfândega. Comprava essências e rótulos em uma loja da Rua Buenos Aires, recolhia vidros de perfumes descartados por parentes e vizinhos e oferecia o produto final às funcionárias de escritórios da Avenida Venezuela. Nos fins de semana, apostava em corridas de cavalos, torcendo junto ao rádio pelo *betting* duplo que jamais ganharia. Mas havia agora a compensação dos contatos semanais com os netos, um dos quais herdaria o seu jeito de ser, tão despreocupado em chamar a atenção quanto as flores à beira das estradas.

Quando morreu, achei entre os frascos em que destilava seus perfumes caseiros o medidor de vidro com um nome gravado em diagonal, em letra manuscrita. Um nome reduzido a apenas quatro letras: Lena.

O menino hoje grisalho se ajoelha no assoalho de tábuas corridas. O cheiro de cera fresca penetra em sua pele, invade de novo suas narinas.